

Os desafios para a implantação e consolidação da agricultura sustentável nos assentamentos de reforma agrária¹

GOMES, E².; SILVEIRA, P. R.³

Mais intensamente a partir da década de 80, voltaram-se as atenções aos efeitos da atuação do homem sobre o meio ambiente. Essa preocupação também foi sentida na agricultura, no que diz respeito ao consumo de alimentos saudáveis, a saúde dos agricultores que entram em contato direto com os agrotóxicos e, igualmente, com as consequências que esses vem causando a natureza, contribuindo para a degradação do solo e a contaminação das águas. Cada vez mais e em maiores quantidades, o agricultor vê-se obrigado a utilizar insumos externos, tornando-se cada vez mais dependente desses.

Fatores esses sentidos, principalmente, pelos pequenos agricultores familiares, onde a perda da fertilidade do solo e o alto custo da produção, entre outros, tem levado muitos agricultores a abandonarem a atividade. Neste sentido, vem se incentivando à uma mudança no modelo de agricultura: A construção de uma nova forma, alternativa ao modelo químico-mecânico, dominante desde os anos 60.

Neste contexto, este trabalho aborda o tema da agricultura sustentável nos assentamentos de reforma agrária. Objetiva-se conhecer como esta temática é abordada na proposta de reforma agrária do MST e como esta se efetiva no dia-a-dia dos assentamentos. Propõe-se verificar nas práticas dos agricultores do assentamento Alvorada/RS, os principais fatores que influenciam, impulsionando ou dificultando a construção da agricultura sustentável.

Metodologicamente, utilizou-se a estratégia investigativa da triangulação de dados, baseada nas propostas do MST descritas em suas publicações, na realização de entrevistas com informantes qualificados que atuam como agentes de desenvolvimento no assentamento, sejam dirigentes do MST ou técnicos da EMATER-RS; completando o tripé, analisou-se os sistemas de produção do assentamento Alvorada, através da reconstituição da forma de implantação

¹ Parte do trabalho de pesquisa realizado para obtenção do Grau de Mestre em Extensão Rural junto ao curso de Pós-graduação em Extensão Rural/UFSM.

² Acadêmica do curso de Mestrado em Extensão Rural/ UFSM. E-mail: a2060050@alunop.ufsm.br

³ Orientador. Prof.Assist. do Departamneto de Educação Agrícola e Extensão Rural/ UFSM.

destes e das práticas adotadas. Elegeu-se uma amostra estratificada de agricultores, segundo critérios da região de origem (antes de ser assentado) e por condição anterior (arrendatário, assalariado, meeiro, filho agricultor, filho assentado), por compreender-se que a trajetória anterior condiciona o modo de proceder do agricultor e a sua leitura particular da Agricultura Sustentável.

Considera-se a Prática no sentido Bourdiano, uma relação dialética entre o “Habitus” do agricultor (Predisposições historicamente instituídas em sua trajetória social) e a Situação vivenciada (contexto do assentamento, materializado na organização do sistema de produção e vivência).

Busca-se considerar a agricultura sustentável na amplitude de seus aspectos naturais, econômicos e sociais. Assim, o MST concebe o desenvolvimento rural como a garantia de progresso econômico e social para todos os que vivem no meio rural, de uma forma sustentável e respeitando o equilíbrio dos recursos naturais. Na visão do MST, reforma agrária, vai muito além da posse da terra, entre outros aspectos engloba oferta de trabalho; alimentação barata, farta e de qualidade para todos; melhores condição de vida para os trabalhadores; preservação e recuperação dos recursos naturais.

No entanto, quando analisa-se as práticas dos agricultores não pode-se esquecer as diferenças culturais existentes entre os agricultores assentados, o que pode interferir na sua organização. A dificuldade de crédito e a escassa assistência técnica, são outros fatores que limitam as condições dos agricultores para a efetivação do modelo proposto. Percebe-se uma diversidade de estratégias entre os diferentes grupos, alguns organizando-se para iniciar atividades alternativas, além de inserirem-se nos projetos, como o Pró-Guaíba.

Ainda é relevante destacar que a transição é lenta e complexa, pois há um modelo de agricultura que vem se consolidando por décadas. Entende-se que é preciso trabalho de formação e conscientização dos agricultores, evoluindo a partir das análises das experiências na ecologização dos processos produtivos e sua relação com a reconversão dos sistemas tradicionais de produção, característicos de cada região ou referendados pela expectativa dos assentados ou agentes de desenvolvimento. Expectativa esta, em permanente interação com as políticas implementadas e com as propostas do MST.